

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EAD EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA
ESCOLA**

ANA CLÁUDIA VICENTE DEMÉTRIO

**RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE INTERCAMBISTAS NEGROS E A
COMUNIDADE ACADÊMICA DA UFSC: REFLEXÕES ACERCA DAS
QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Florianópolis

2016

ANA CLÁUDIA VICENTE DEMÉTRIO

**RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE INTERCAMBISTAS NEGROS E A
COMUNIDADE ACADÊMICA DA UFSC: REFLEXÕES ACERCA DAS
QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito final à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Prof. Dr. Jair Zandoná

Florianópolis

2016

Demétrio, Ana Cláudia Vicente

RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE INTERCAMBISTAS NEGROS E A
COMUNIDADE ACADÊMICA DA UFSC : REFLEXÕES ACERCA DAS QUESTÕES
ÉTNICO-RACIAIS / Ana Cláudia Vicente Demétrio ; orientador,
Jair Zandoná - Florianópolis, SC, 2016.

54 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.Educação. 3. Intercâmbio Educacional. 4. Haitianos. 5.
Guineenses. 6. Negros. I. Zandoná, Jair . II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Gênero e Diversidade na Escola.
III. Título.

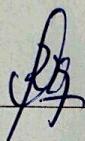
ANA CLÁUDIA VICENTE DEMÉTRIO

**RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE INTERCAMBISTAS NEGROS E A
COMUNIDADE ACADÊMICA DA UFSC: REFLEXÕES ACERCA DAS
QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

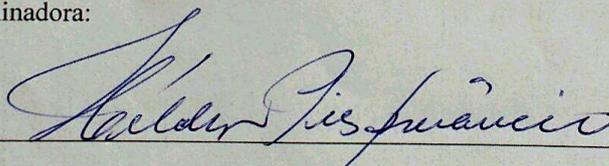
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

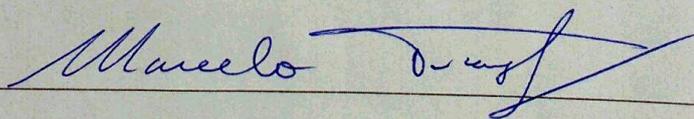


Olga Regina Zigelli Garcia

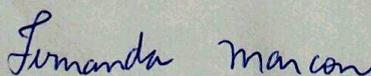
Banca Examinadora:



Hélder Pires Amancio



Marcelo Henrique Romano Tragtenberg



Fernanda Marcon

Dedico este trabalho a todxs xs estudantes negrxs da Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente, às(aos) estrangeirxs que além de terem de lidar com a saudade de sua terra e família, enfrentam questões raciais que em seu lugar de origem não enfrentavam. Somos todxs guerreirxs.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais Rosita e João e aos meus familiares por me terem dado a oportunidade de crescer em uma família saudável e unida, que sempre teve como prioridade os estudos. Se não fosse esta referência, principalmente na figura de minha tia Rozana e minha irmã Rúbia, com certeza eu não teria chegado até aqui. Amo vocês.

Ao meu amigo Davi, que desde 2010 tornou-se o irmão que eu não tive. Dividimos muito mais que almoços, jantares e conversas embaixo da árvore, dividimos parceria, cumplicidade, irmandade. Saiba que ao conversarmos, tu sempre acertas o meu rumo. Te amo.

A todas as minhas amigas e amigos da UFSC e, especialmente, à Aline, que apesar de todos os desentendimentos sempre se manteve como minha inseparável dupla de trabalhos, concursos, encontros, telefonemas, desde a graduação em Letras – Língua Portuguesa. Te amo.

Aos meus amigos Moisés Oliveira, Cristian e Analu pelas inúmeras conversas acerca de questões étnico-raciais. Obrigada por estarem sempre dispostos a dialogar e aprender a respeito. Vocês sabem como ninguém exercer a empatia. Amo vocês.

Ao meu orientador Jair Zandoná, pela paciência nos momentos em que tive meus bloqueios criativos, por acreditar no potencial da minha pesquisa e por me ajudar a aperfeiçoar o meu trabalho. Muito obrigada.

Ao GDE, por ter oferecido de forma bastante acertada as disciplinas e a orientação necessária para que as centenas de alunos tivessem garantido o direito a uma formação de qualidade.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, ao sexismo, à lesbofobia, à homofobia, à transfobia e ao capacitismo.

Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da reestruturação da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

*No meu país o preconceito é eficaz
Te cumprimentam na frente
E te dão um tiro por trás*

*“O Brasil é um país de clima tropical
Onde as raças se misturam naturalmente
E não há preconceito racial.” Hahahaha*

Racionais Mc's

RESUMO

O presente trabalho pretende abordar as relações estabelecidas entre intercambistas estrangeiros negros e a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a fim de propiciar reflexões acerca das questões étnico-raciais. Para isto, foram ouvidos três estudantes intercambistas negros que vieram ao Brasil com o intuito de iniciar e concluir a graduação através de diferentes programas de cooperação estabelecidos entre a UFSC e seus respectivos países. Estes sujeitos, durante a entrevista, procuraram relatar sobre o seu cotidiano na universidade, dando enfoque nas discussões étnico-raciais, especialmente sobre racismo. A pesquisa é importante a partir da ideia de que essas questões têm de ser pauta dentro da universidade, que se configura como um espaço plural e propenso a reflexões. Deste modo, contribui-se para a desnaturalização dos discursos, para o enfrentamento do preconceito, especialmente o racismo, à desconstrução dos padrões, e à construção de uma sociedade mais igualitária e equitativa, principalmente para os sujeitos desta pesquisa.

Palavras-chave: Intercâmbio educacional. Universidade Federal de Santa Catarina. Haitianos. Guineenses. Negros.

ABSTRACT

The present work intends to approach the relations established between black foreign exchange students and the academic community of the Federal University of Santa Catarina (UFSC), in order to provide reflections on ethnic-racial issues. For this, three black exchange students who came to Brazil with the intention of starting and finishing the graduation through different cooperation programs established between the UFSC and their respective countries were heard. These subjects, during the interview, sought to report on their daily life at university, focusing on ethnic-racial discussions, especially on racism. The research is important from the idea that these questions have to be agenda within the university, which is configured as a plural space and prone to reflections. In this way, it contributes to the denaturalization of discourses, to counter prejudice, especially racism, deconstruction of standards, and the construction of a more egalitarian and equitable society, especially for the subjects of this research.

Keywords: Educational interchange. Federal University of Santa Catarina. Haitians. Guineans. Black.

LISTA DE MAPAS

| | |
|--|-----------|
| Mapa 1 – Mapa geopolítico contemporâneo da África | 22 |
| Mapa 2 – Mapa geopolítico da América Central | 24 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|-----------------------|-----------|
| Figura 1 | 35 |
| Figura 2 | 35 |
| Figura 3 | 36 |
| Figura 4 | 45 |
| Figura 5 | 46 |
| Figura 6 | 46 |
| Figura 7 | 47 |
| Figura 8 | 47 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Questionário semiestruturado | 26 |
| Quadro 2 – Dados dos entrevistados | 27 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDINA – Universidad Andina del Cusco

AUGM – Asociación de Universidades Grupo Montevideo

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ELAP – Emerging Leaders in the Americas Program

GCUB – Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

MEC – Ministério da Educação

MRE – Ministério das Relações Exteriores

PEC-G – Programa de Estudantes-Convênio de Graduação

PEC-PG – Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação

PLI – Programa Licenciaturas Internacionais

PMF – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Pró-Haiti – Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti–Graduação

SESu – Secretaria de Educação Superior

SINTER – Secretaria de Relações Internacionais

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UHK – University of Hradec Králove

USAC – University Studies Abroad Consortium

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 16 |
| 1 A UFSC COMO UMA INSTITUIÇÃO INTERNACIONALIZADA | 20 |
| 1.1 Guiné-Bissau e Haiti: o Brasil como destino | 22 |
| 2 O QUE DIZEM OS ESTUDANTES INTERCAMBISTAS NEGROS? | 25 |
| 3 A ARTICULAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES, COLETIVOS E A INSTITUIÇÃO: INICIATIVAS QUE VALORIZAM A CULTURA NEGRA NA UFSC | 45 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 49 |
| REFERÊNCIAS | 53 |

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem o objetivo de compreender e refletir sobre como se dão as relações entre estudantes intercambistas negros¹, estrangeiros, e a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Santa Catarina, visto que esta se configura como uma importante instituição no que diz respeito à internacionalização do ensino superior, uma vez que conta com uma série de programas que, através da Secretaria de Relações Internacionais da UFSC (Sinter/UFSC) visam “promover a interação com organismos e instituições internacionais de ensino superior, apoiar e implementar acordos de cooperação técnica, científica e cultural, bem como viabilizar o intercâmbio de estudantes, professores e servidores técnico-administrativos”², assegurando, assim, aos estudantes estrangeiros, vinculados a instituições parceiras – parceria esta que tem a finalidade de proporcionar à instituição e, conseqüentemente, à toda a comunidade acadêmica, um fluxo de conhecimento – a oportunidade de estudar cursos de graduação e/ou de pós-graduação na UFSC, tendo respeitados os seus direitos enquanto estudantes e reconhecidas as suas especificidades enquanto sujeitos multiculturais em diálogos interculturais com a comunidade acadêmica.

Conforme já mencionado, a comunidade acadêmica se configura como um dos sujeitos basilares desta pesquisa, uma vez que a problemática parte das relações estabelecidas entre esta e os estudantes intercambistas negros³. A fim de problematizar este conceito, o de comunidade acadêmica, trazemos algumas reflexões propostas por Maurice Kogan (2000) – é necessário levar em consideração a existência de outros autores que, de forma brilhante, debruçam-se sobre essa questão; entretanto, por uma escolha teórica, optamos pela reflexão do autor acima citado. Kogan (2000) tem como foco em seu estudo sobre a comunidade acadêmica as relações existentes e estabelecidas por esta comunidade, que são divididas em relações entre as diferentes comunidades de ‘acadêmicos’, com a gestão (institucional/institucionalizada) e com o mundo, mais vasto, social e econômico. No decorrer deste trabalho veremos que, de forma concreta,

¹ Optamos por utilizar a nomenclatura *negro(s)*, visto que este é o termo mais recorrente atualmente utilizado para designar mulheres ou homens africanos e seus descendentes na diáspora. O termo é empregado pela sociedade em geral e, mais significativamente, pelos movimentos negros e sujeitos que se identificam como tal. Reconhecemos a expressividade que o termo *preto* carrega, bem como o crescente prestígio que este vem conseguindo entre os sujeitos e coletivos negros, entretanto, a escolha por *negros* é apenas uma opção metodológica que pode, sem prejuízo de sentido, ser substituída por *pretos*.

² Disponível em: <<http://sinter.ufsc.br/sinter/>>. Acesso em 07/12/2016.

³ Embora se reconheça que o uso exclusivo do masculino jamais será neutro na língua portuguesa, optamos por utilizá-lo para fins de registro, uma vez que os entrevistados assim se reconhecem.

essas relações são relatadas pelos sujeitos desta pesquisa, visto que estes sujeitos transitam entre os mais diversos espaços dentro e fora da universidade: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão, Centro Tecnológico, Centro de Ciências da Saúde, Reitoria, Secretaria de Relações Internacionais, Biblioteca Universitária, Restaurante Universitário, bairros do entorno da UFSC (Pantanal, Carvoeira, Trindade), dentre outros espaços. Deste modo, as relações com a comunidade acadêmica inevitavelmente acontecem. Veremos como elas se dão do ponto de vista dos estudantes intercambistas negros.

Esta pesquisa, desde seu início, tomou diferentes rumos para que se consolidasse da forma como está configurada neste momento. A ideia inicial era a de refletir sobre o ensino de língua portuguesa a imigrantes haitianos, percebendo os desafios e as práticas atreladas a esta atividade. Este desejo nasceu, primeiramente, a partir do meu contato com intercambistas haitianos que vieram à UFSC para estudar através de um programa internacional específico – o qual será abordado mais adiante –, e que me possibilitou conhecer diferentes realidades e culturas. Mais recentemente, em 2015, recebi o convite da minha atual orientadora de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística – profa. Dra. Cristine Gorski Severo – para conhecer um projeto de extensão que estava sendo executado em parceria entre a UFSC (via Grupo de Pesquisa em Políticas Linguísticas Críticas) e a Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF) por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do Programa Diversidade Étnico-Racial, mantido pela Secretaria de Educação de Florianópolis), que tinha como principal objetivo oferecer aulas de línguas portuguesa a haitianos em situação de refúgio que residiam em Florianópolis. Após conhecer o projeto, aliei ao fato de que sou licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas para me engajar, ministrando aulas de língua portuguesa, o que ocorreu entre os meses de agosto e novembro de 2015. A partir disto é que a primeira ideia de pesquisa para o TCC do GDE se materializou. Entretanto, a sua realização acabou por se tornar inviável, uma vez que os sujeitos principais desta pesquisa não se encontravam em condições de ceder entrevistas (alguns retornaram ao Haiti ou foram para outros países; outros estavam trabalhando demasiadamente, de modo que não tinham horários disponíveis; dentre outras situações). Por conta disso, decidimos mudar o recorte da pesquisa, direcionando-a para as relações institucionais estabelecidas na UFSC entre estudantes haitianos, participantes do Programa Emergencial Pró-Haiti – coordenado pela CAPES, em conjunto com a Secretaria de Educação Superior (SESu) do Ministério da Educação

(MEC) e o Ministério das Relações Exteriores (MRE) – vindos para a UFSC a fim de realizarem graduação-sanduíche, e a comunidade acadêmica. Todavia, apesar dos esforços, não obtivemos um número suficiente de estudantes para prosseguir com a pesquisa, o que fez com que, novamente, optássemos por mudar o recorte. Finalmente, a abordagem escolhida foi sobre as relações entre estudantes intercambistas estrangeiros negros e a comunidade acadêmica da UFSC e as possíveis reflexões acerca das questões étnico-raciais.

A Universidade Federal de Santa Catarina está dividida em cinco campi: Araranguá, Blumenau, Curitibanos, Joinville e Florianópolis. Esta pesquisa se deu neste último campus, uma vez que ali está localizada a sede do Curso GDE, bem como todas as minhas atividades acadêmicas têm sido desenvolvidas neste mesmo local. Refletir acerca das relações entre estudantes da UFSC – de uma forma geral – e o restante da comunidade acadêmica requer, com certeza, que compreendamos a que esta instituição se propõe. Esta universidade tem por missão “produzir, sistematizar e socializar o saber filosófico, científico, artístico e tecnológico, ampliando e aprofundando a formação do ser humano para o exercício profissional, a reflexão crítica, a solidariedade nacional e internacional, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática e na defesa da qualidade da vida”⁴. Desta forma, este espaço se configura como um local em que a democracia e a pluralidade são acolhidas, de modo que a liberdade de expressão, atrelada ao respeito e à tolerância são direitos de todos. A UFSC se autoafirma como “uma instituição que assegura o reconhecimento pleno de sua diversidade acadêmica”⁵. Mais relacionado a esta pesquisa, é significativo destacar o caráter global que a instituição pretende manter, declarando-se como internacionalizada, ou seja, “uma instituição capaz de intensificar parcerias e convênios com instituições internacionais, contribuindo para o seu desenvolvimento, o do Brasil e o de outras nações”⁶. A partir da apresentação da instituição, inferimos que os estudantes, tanto brasileiros quanto estrangeiros, estão seguros para iniciar seus estudos em nível superior, uma vez que todos os direitos lhe são garantidos neste local.

A importância de se discutir questões da natureza desta pesquisa emerge a partir do momento em que estudantes negros passam a ocupar espaços que antes eram predominantemente brancos. A universidade – enquanto instituição de formação em

⁴ Disponível em: <http://estrutura.ufsc.br/missao/>. Acesso em 07/12/2016.

⁵ Disponível em: <http://estrutura.ufsc.br/missao/>. Acesso em 07/12/2016.

⁶ Disponível em: <http://estrutura.ufsc.br/missao/>. Acesso em 07/12/2016.

nível superior –, em uma perspectiva mais geral, desde seu princípio, era frequentada quase que exclusivamente por pessoas das classes mais altas e preponderantemente brancas. A partir das conquistas dos movimentos sociais, mulheres, pobres, negros, indígenas, dentre outras classes, acabaram por se inserir nas universidades, como afirma Luciana Jaccoud:

Nos últimos anos, as iniciativas de promoção do acesso ao Ensino Superior vêm se destacando como palco de expressivos avanços no que se refere a iniciativas de combate às desigualdades raciais e à ampliação de oportunidades sociais. As ações afirmativas nas universidades públicas brasileiras vêm sendo adotadas, de forma voluntária e espontânea, por um conjunto crescente de instituições, desde o início da década, e têm efetivamente representado um importante mecanismo de democratização do acesso ao Ensino Superior e de ampliação do acesso da juventude negra às universidades no Brasil. (JACCOUD, 2008, p. 145)

Sintomaticamente, como resistência à hegemonia étnico-eurocêntrica o racismo, o preconceito e a intolerância passaram a transformar este local em mais um espaço de opressão. Essas relações estabelecidas dentro da universidade devem ser focalizadas, a fim de que as questões étnico-raciais sejam pauta dentro da universidade, posto ser, em seu/sua projeto/missão, um espaço plural e propenso a reflexões. Deste modo, esta pesquisa pretende contribuir para a desnaturalização dos discursos, ao enfrentamento ao preconceito, à desconstrução dos padrões, e na construção de uma sociedade mais igualitária e equitativa.

O trabalho está dividido em três seções. A primeira delas pretende contextualizar o projeto de internacionalização da UFSC, apresentando os programas de intercâmbio e, mais especificamente, os programas que mais recebem estudantes negros. A segunda seção é composta pela análise de entrevistas concedidas por três estudantes intercambistas negros, com a intenção de que se ouçam as vozes que são, por vezes, silenciadas e, a partir de um exercício de empatia, perceba-se como se dão as relações supracitadas. A terceira seção busca reconhecer e destacar iniciativas feitas por coletivos, estudantes e pela própria instituição, que têm em suas pautas a valorização da cultura negra, de modo a tornar mais prazeroso o cotidiano dos estudantes negros na UFSC, contrapondo-se – e enfrentando –, assim, às atitudes racistas. Por fim, nas considerações finais desejamos, a partir de uma reflexão pessoal, procurar caminhos para o enfrentamento ao racismo que é resultado das relações estabelecidas nesta universidade, bem como e apontar possíveis caminhos para pesquisas futuras.

1 A UFSC COMO UMA INSTITUIÇÃO INTERNACIONALIZADA

Como já citado anteriormente, a Universidade Federal de Santa Catarina tem, em sua missão, o comprometimento com a comunidade internacional. Através da Secretaria de Relações Internacionais (SINTER), a UFSC visa “promover a excelência científica e tecnológica do país e proporcionar solidariedade entre os povos. As ações de internacionalização são articuladas com os objetivos do ensino de graduação e pós-graduação, da pesquisa e da extensão, elevando a qualidade acadêmica da Instituição”⁷.

Existem várias formas de um estudante estrangeiro ingressar na UFSC através de intercâmbio, uma vez que a instituição mantém convênio com outras instituições e órgãos de outros países a fim de também possibilitar o intercâmbio de estudantes regularmente matriculados na UFSC para que estes tenham a oportunidade de, além de ter uma formação de qualidade, contribuir com as trocas de conhecimento. Atualmente, há os seguintes programas que, em alguns convênios, tanto recebem estudantes de outras instituições, como também permitem que estudantes da UFSC tenham a experiência de estudarem em instituições estrangeiras na modalidade sanduíche: Ciência sem Fronteiras, Erasmus Mundus, Programas da AUGM, Programas do GCUB, Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti (Pró-Haiti), University Studies Abroad Consortium (USAC), UFSC-Uandina, Universiteit Leiden, Programa Licenciaturas Internacionais (PLI), Emerging Leaders in the Americas Program (ELAP), UFSC - University of Hradec Králove (UHK), U.S. Leaders, Jóvenes Líderes Iberoamericanos, Santander Ibero-americano, dentre outros.

As ações e resultados decorrentes dos esforços de internacionalização que ocorre dentro da UFSC é o fato de o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFSC abrir um edital de seleção⁸ específico para estudantes estrangeiros. No ano de 2016, por exemplo, foram ofertadas 4 vagas para mestrado e doutorado.

Recorrentemente, os programas que têm recebido mais estudantes estrangeiros negros na UFSC são o PEC-G/PEC-PG e o Pró-Haiti. O PEC-G/PEC-PG são regulamentados pelos Ministérios das Relações Exteriores e da Educação. O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) é uma atividade de cooperação do

⁷ Disponível em: <http://sinter.ufsc.br/sinter/?lang=pt/>. Acesso em 07/12/2016.

⁸ Edital disponível em: <http://ppgsc.ufsc.br/files/2012/05/Edital-PPGSC-2016estrangeiro.pdf>. Acesso em 26/02/2017.

governo brasileiro com outros países em desenvolvimento (África, América Latina e Caribe) com os quais mantém acordos educacionais ou culturais, cujo objetivo é a formação de recursos humanos.

Os estudantes que optam por vir a universidades brasileiras através deste programa cursam a graduação ou pós-graduação no Brasil e, posteriormente, regressam aos seus países com a finalidade de aplicarem o que aprenderam aqui em seus países de origem. O PEC-G/PEC-PG não envia alunos brasileiros a outros países, apenas recebe os estudantes estrangeiros. A forma de inscrição para se candidatarem a esses Programas é através da Embaixada Brasileira sediada no país de origem. Atualmente, a UFSC conta com cerca de cem estudantes matriculados no programa⁹.

O Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti – Graduação tem como objetivo contribuir para a reconstrução do Haiti por meio de apoio à formação de recursos humanos em nível de graduação-sanduíche. O Programa se constitui em uma parceria entre as IES brasileiras e as IES de Porto Príncipe, capital do Haiti, de modo a possibilitar que os estudantes tenham direito a bolsas de estudos. Neste programa os estudantes têm direito a bolsa mensal, a auxílio deslocamento e a auxílio instalação, inicialmente, durante 18 meses.

É importante destacar que este prazo corresponde, segundo o Entrevistado 2, ao primeiro edital do Pró-Haiti, o qual previa que os estudantes fariam uma graduação sanduíche: 6 meses aprendendo a língua portuguesa e 12 meses cursando cadeiras na IES brasileira. Após esse período, o estudante intercambista teria de voltar ao Haiti, a fim de concluir o curso em uma IES haitiana. Entretanto, após o diálogo entre estes estudantes e o convênio, ficou acordado que os estudantes poderiam concluir o curso no Brasil.

Cabe salientar que a comunidade acadêmica da UFSC é formada por estudantes de várias nacionalidades. Estes vêm estudar nesta universidade a fim de adquirir os conhecimentos que a instituição tem a oferecer e cumprir com o contrato da bolsa, uma vez que, após o término do curso, eles deverão retornar ao seu país de origem. Deste modo, há um contrato selado entre a universidade e estes estudantes, visando uma formação de qualidade a estes sujeitos.

⁹ Fonte: SINTER. Disponível em: <http://sinter.ufsc.br/pec-g/>. Acesso em: 07/12/2016.

1.1 Guiné-Bissau e Haiti: o Brasil como destino

Para a realização desta pesquisa, buscamos selecionar três estudantes que tivessem características comuns: serem intercambistas estrangeiros e negros. A forma de ingresso na UFSC desses estudantes se deu de duas diferentes formas: através do PEC-G e através do Programa Pró-Haiti. Dois dos entrevistados têm nacionalidade haitiana e um deles é guineense, o que nos remete a uma rápida exposição acerca do contexto destes países.

Guiné-Bissau é um país da África Ocidental que faz fronteira com o Senegal e a Guiné (ver mapa 1). Seu território abrange 36.125 km quadrados de área, com um pouco mais de 1,5 milhão de pessoas. A população da Guiné-Bissau é etnicamente diversificada, sendo fula, balanta e mandjacos as etnias que mais predominam em território guineense. O país faz parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, pelo fato de ter a língua portuguesa como língua oficial, apesar de o crioulo ser mais usado no dia a dia dos guineenses.

Mapa 1 – Mapa geopolítico contemporâneo da África



Fonte: <https://misoafricapt.wordpress.com/2012/03/19/mapa-atualizado-da-africa-2012/>. Acesso em: 08/02/2016.

A UFSC recebe intercambistas guineenses praticamente todos os anos. Atualmente, a instituição conta com aproximadamente vinte e três guineenses, participantes de programas como o PEC-G e o PEC-PG. É interessante salientar que muitos guineenses já se formaram e retornaram para o seu país de origem.

Apesar de não estarem em Guiné, dentre as ações, a fim de manter as e costumes de seu país de origem, os intercambistas guineenses costumam realizar festas temáticas como a Festa da Independência da Guiné-Bissau, realizada sempre no mês de setembro, alusiva à data de 24 de setembro de 1973; a Festa Africana – realizada em maio, por conta do dia da África (25/05) –, que é organizada por estudantes de várias nacionalidades africanas; festas menores que são chamadas de *Noite da Kizomba*; churrascos que reúnem toda a comunidade guineense; torneios de futebol; conversas em crioulo (língua local e majoritariamente falada em Guiné), dentre outras. Os estudantes também costumam manter contato através de grupos no *Facebook*, de acesso restrito, e também se organizam através da Associação dos Estudantes Guineenses no Estado de Santa Catarina (AEGUISC) e que conta com site institucional: <http://aeguisc.com/>.

O Haiti é um país situado na América Central e faz parte do Caribe, fazendo fronteira terrestre apenas com a República Dominicana (ver mapa 2). O país possui uma beleza natural bastante característica ao longo de seus 27.750 km quadrados e cerca de 10,4 milhões de habitantes. Tem como línguas oficiais o francês e o crioulo haitiano. O Haiti tornou-se a primeira nação independente da América Latina, em 1804. A respeito deste fato, é interessante pensar na potência que o Haiti deve representar para os negros e negras brasileiras, uma vez que serve como referência de resistência negra. Segundo Celia Maria Marinho de Azevedo (1998) a revolta de São Domingos, no Haiti, liderada por Toussaint Louverture, teria deixado os senhores de escravos bastante apreensivos com relação a uma revolta dos negros escravizados no Brasil, inspirados pelos negros haitianos. Por isto, estes começaram a se preocupar com a substituição da escravidão pelo trabalho livre. Entretanto, é necessário salientar que antes da abolição da escravidão, mais precisamente em 1835, foi criada uma lei excepcional que aplicava pena de morte, sem direito a recurso, aos escravos que fizessem os senhores e seus familiares. Mesmo com o histórico heroico do povo haitiano, o país só ficou conhecido mundialmente por conta dos desastres naturais que têm ocorrido no país desde 2010 (terremoto em 2010, furacão Sandy, em 2012, e furacão Matthew, em 2016).

Mapa 2 – Mapa geopolítico da América Central



Fonte: https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/graphics/ref_maps/political/pdf/central_america.pdf. Acesso em: 8/12/2017.

Atualmente a UFSC conta com cerca de 23 haitianos participantes do Programa Pró-Haiti – os quais também podem ingressar na UFSC através do PEC-G/PEC-PG. A comunidade haitiana procura manter suas práticas tradicionais em Florianópolis através da organização das Festas Haitianas¹⁰, do diálogo com seus pares em língua crioula, através da comida e músicas típicas do Haiti, dentre outras. É importante salientar que estes estudantes também possuem a Associação de Estudantes Haitianos na UFSC (AEH/UFSC), que busca a articulação entre eles e a comunidade acadêmica da universidade e, também, refletir sobre estratégias para repassar a capacitação e os conhecimentos adquiridos no Brasil para o povo haitiano.

¹⁰ Um exemplo das festas pode ser conferido em <http://cotidiano.sites.ufsc.br/estudantes-haitianos-realizam-festa-em-comemoracao-a-ultima-batalha-da-revolucao-haitiana/>. Acesso em 10/12/2016.

2 O QUE DIZEM OS ESTUDANTES INTERCAMBISTAS NEGROS?

Os estudantes intercambistas estrangeiros negros foram entrevistados com o propósito de dar voz àqueles que historicamente foram e são silenciados quando têm a intenção de apresentar suas demandas. Deste modo, este trabalho se configura como um espaço público para que sejam apresentadas as realidades vividas por um número específico de intercambistas negros – os três entrevistados –, com vistas a refletir sobre essas vivências; entretanto, acreditamos que os relatos aqui apresentados representem um número mais significativo de pessoas com realidades semelhantes, uma vez que estas têm os mesmos marcadores sociais – o fato de serem negros, estrangeiros, estudarem na UFSC.

A metodologia das entrevistas foi pensada em vistas a conseguir o maior número de informações sem que as perguntas elaboradas resultassem em respostas mecânicas; por isto, foi um roteiro semiestruturado (Quadro 01) foi delineado, a fim de que as questões fossem bastante abertas, propiciando, assim, respostas igualmente abertas. Essa metodologia é chamada de grupo focal, definida por David Morgan (1997), como técnica de pesquisa qualitativa, na qual as informações são coletadas através das interações em grupo. Neste sentido, o fato de as perguntas já estarem formuladas não eliminou a possibilidade de se fazerem novos questionamentos decorrentes das dúvidas e reflexões que o diálogo propiciava/propiciou. Sendo assim, a entrevista se assemelhou bastante a uma conversa informal, com a diferença de que havia um roteiro a ser seguido. O local escolhido para a entrevista foi a casa de dois dos entrevistados, visto que compartilham a moradia, e o outro mora muito próximo. Isso, de certo modo, contribuiu para que eles se sentissem mais à vontade para colaborar com a pesquisa, visto que estavam em seu espaço doméstico. Neste caso, a pesquisadora também se sentiu muito familiarizada com a situação, uma vez que frequenta a casa dos estudantes e isso fez com que a entrevista ocorresse de forma mais fluida. Um fato interessante é que inicialmente havia a confirmação de apenas os dois primeiros entrevistados. O terceiro estava no ambiente e se sentiu à vontade para participar, enriquecendo a coleta de dados.

Quadro 1 – Questionário semiestruturado

| QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO | |
|-------------------------------------|---|
| Questão 1 | NOME, fale um pouco sobre o seu país de origem. |
| Questão 2 | Existe algo que, de certa maneira, chocou vocês quando chegaram aqui no Brasil? |
| Questão 3 | Alguma vez vocês passaram por alguma situação dentro da universidade que vocês perceberam que era racismo? |
| Questão 4 | Vocês acham que existe uma diferença entre as relações entre estudantes intercambistas dentro da UFSC, a depender da nacionalidade? |
| Questão 5 | Vocês percebem alguma diferença entre o tratamento dado aos negros brasileiros e os negros estrangeiros na universidade? |
| Questão 6 | Como vocês avaliam o apoio da universidade em situações de racismo? |
| Questão 7 | Vocês consideram que na universidade existam ações que colaboram para a permanência dos estudantes negros na universidade? |
| Questão 8 | Como vocês fazem para enfrentar o racismo que vivem cotidianamente? |
| Questão 9 | Como vocês avaliam a experiência de estudar na UFSC? |

Conforme já mencionamos dos estudantes dois têm nacionalidade haitiana e um guineense e possuem o seguinte perfil:

Quadro 2 – Dados dos entrevistados

| | Entrevistado 1 | Entrevistado 2 | Entrevistado 3 |
|--|--|--|--|
| Idade | 29 anos | 30 anos | 30 anos |
| Sexo | Masculino | Masculino | Masculino |
| Local de nascimento | Guiné-Bissau | Haiti | Haiti |
| Há quanto tempo está no Brasil | 6 anos | 5 anos | 5 anos |
| Profissão no país de nascimento | Estudante | Estudante | Estudante |
| Formação | Graduado em Ciências Sociais / Mestrando em Saúde Coletiva | Graduando em Engenharia Civil | Graduando em Administração |
| Idiomas | Balanta / Crioulo de Guiné-Bissau / Português | Francês / Português / Crioulo Haitiano | Francês / Português / Crioulo Haitiano |

Os participantes desta pesquisa, como vimos acima, têm entre 29 e 30 anos, todos homens deixaram suas famílias em seus países de origem. Algo interessante a ser destacado, é a cultura de intercâmbio existentes nessas famílias. Todos os entrevistados têm irmãos que estão estudando em algum país que não seja o de seu nascimento. Por exemplo: um dos entrevistados tem dois irmãos que fazem intercâmbio estudantil no Brasil, porém em outros estados; outro entrevistado tem um irmão que está estudando na China. Isso acaba por construir uma trajetória muito semelhante entre eles: estudantes que saíram de seus países a fim de estudar em um outro lugar, deixando sua família e amigos em suas terras natais, entretanto, sempre mantendo os vínculos, através de ligações de voz, de vídeo e, muito raramente, visitas durante as férias.

Outra questão importante de ressaltar sobre o perfil dos sujeitos desta pesquisa é o fato de esses estudantes viverem no Brasil sem muito auxílio financeiro da UFSC. Os estudantes entrevistados, bem como a maioria dos estudantes intercambistas negros da UFSC, sobrevivem sem muito auxílio do poder público. Para se manter estudando em Florianópolis, a maioria deles tem de recorrer a estágios, ou a trabalhos informais, já que o visto que lhes é concedido é o de estudante. Deste modo, eles têm de viver com a

bolsa que o estágio lhe proporciona – algo em média entre R\$ 500,00 e 800,00. Com este valor, eles precisam dar conta de custear moradia, que geralmente é dividida com outros estudantes, estrangeiros ou não, transporte, alimentação – neste caso, o restaurante universitário acaba por ser a principal fonte de alimentação durante o ano letivo –, despesas relacionadas à academia (xerox, livros, materiais de estudo, etc.), acesso à cultura, dentre outras despesas de cunho pessoal. Em meio a tantas demandas, muitos desses estudantes têm de recorrer à família para que lhes auxiliem financeiramente. Entretanto, isso nem sempre é possível, devido às condições econômicas limitadas de seus familiares.

Posto isso, nos dedicaremos à entrevista. Quanto à sua realização, combinamos que todos teriam o direito de fala e que, caso não quisessem, não seriam obrigados a responder a qualquer das perguntas previstas. Inicialmente, foi solicitado que eles falassem um pouco sobre o que o país de origem representava para si. Essa questão teve o propósito de convocar as memórias afetivas da família e da terra natal e, assim, se sentirem mais à vontade com as questões subsequentes. A intenção era ter uma conversa inicial a fim de contextualizar o lugar de onde vêm, para que o restante da entrevista fizesse sentido, a partir da ideia de que todo o sujeito (faz) parte de um contexto e é marcado por suas vivências, inclusive, de origem.

Inevitavelmente, como se pode verificar ao longo da seção, a questão racial se configurou como o foco das falas. A todo o momento essa questão veio à tona, seja quando os sujeitos falavam de situações vividas e reflexões feitas tendo como pano de fundo o Brasil, numa perspectiva mais geral, ou especificamente a cidade de Florianópolis, considerando as vivências dentro e fora da universidade. Entretanto, em alguns momentos é possível perceber que há um preconceito que tem como base a nacionalidade, que, com certeza, tem intersecção com a etnia, dentre outras categorias. Isso pode ser constatado na seguinte fala proferida pelo Entrevistado 2:

*Os brasileiros têm que ir atrás prá saber. Quando ver um haitiano não pode falar que “ah, o país deles é muito pobre e tal”. Você tem que saber o que que tem lá também. [...] **Convido muitos brasileiros pra conhecer o país, vai atrás, conheça o país, porque não existe um país que tenha só coisas ruins, entendeu? Tem coisas boas.***

É preciso refletir acerca da imagem que, comumente, a população brasileira tem do Haiti. Sabemos que, no Brasil, assim como no resto do mundo, o Haiti ganhou

visibilidade após as catástrofes naturais de 2010. Entretanto, é necessário superar a imagem negativa que se instaurou a respeito deste país, a partir do conhecimento histórico. Conforme afirma Azevedo (1987), o Haiti viveu uma forte revolução que culminou com a independência do país. Segundo a autora, este fato poderia motivar muitos negros a seguirem o mesmo caminho:

Era o grande medo suscitado pela sangrenta revolução em São Domingos, onde os negros não só haviam se rebelado contra a escravidão na última década do século XVIII e proclamado sua independência em 1804, como também — sob a direção de Toussaint l’Ouverture — colocavam em prática os grandes princípios da Revolução Francesa, o que acarretou transtornos fatais para muitos senhores de escravos, suas famílias e propriedades. Ora, perguntavam-se alguns assustados “grandes” homens que viviam no Brasil de então, se em São Domingos os negros finalmente conseguiram o que sempre estiveram tentando fazer, isto é, subverter a ordem e acabar de vez com a tranqüilidade, dos ricos proprietários, por que não se repetiria o mesmo aqui? (AZEVEDO, 1987, p. 35)

Neste sentido, o Haiti deve ser conhecido também por suas potencialidades como, por exemplo, ter sido o primeiro país independente da América Latina. A questão que a autora citada acima traz para a reflexão em seu livro *Onda negra. Medo branco* é importante no sentido de levar-nos refletir acerca da história Haiti como uma potência em resistência e luta de um povo, fazendo com que a falta de prestígio que este país tem, por conta de diversos fatores, não seja maior do que as suas potencialidades.

Quando os entrevistados foram questionados sobre algo que tenha chocado eles aqui no Brasil, ou seja, algo que eles não tinham consciência de que se deparariam, prontamente todos abordaram a questão do preconceito e do racismo:

*Se eu tenho um problema no Brasil, que me choca no Brasil, é essa questão de preconceito. Eu vou entrar direto nisso porque, bom, é um país que eu gosto mesmo, o meu único problema no Brasil é o preconceito. Acho que aqui tem bastante preconceito mesmo, preconceito da sua origem, preconceito da sua cor, tudo isso. Porque quando tava no Haiti eu sabia que eu sou negro, mas essa consciência não foi tão forte em mim porque lá 90% da população é negra. **Mas preconceito, racismo é uma coisa que eu aprendi a conhecer no Brasil**, lá no Haiti acho que eu conhecia o nome. Depois de várias experiências no ônibus, assim, **eu vi, eu sofri racismo**, igual alguns brasileiros negros também porque às vezes a pessoa não sabe que eu sou haitiano mesmo, entendeu? Já entrei no supermercado junto com o Entrevistado 2, um funcionário seguiu a gente pensando que a gente ia roubar. Isso incomoda a gente muito, a gente brigou um pouquinho lá. Eu vim prá estudar aqui, mas hoje em dia eu*

não aceito essa questão de racismo. Se eu não aceito uma coisa eu vou ter que lutar contra essa coisa, não vou cruzar os braços. É por isso que hoje eu me juntei com as pessoas lá do Movimento Negro prá entender também o racismo porque eu tô fazendo Engenharia Civil, mas eu já assisti bastante palestra sobre o racismo. Às vezes falando do racismo, isso leva a gente a refletir sobre a psicologia. Ah, isso me leva em outros ramos que antes eu não esperei entrar. Por exemplo, prá poder entrar o racismo a gente entra na Antropologia, viu? É bem distante em relação ao meu curso.

Entrevistado 3

Eu nunca ouvi falar de racismo no Brasil. Você vai dar de cara com o racismo quando tá dentro do Brasil. É um choque.

Entrevistado 3

*Tem uma coisa que é comum prá qualquer pessoa, mudar de um lugar pra outro sempre tem estranhamento. Desses estranhamentos, alguns chocam. Uma coisa diferente impacta assim “uau, eu caí em cima disso”, porque o que geralmente, qualquer lugar que não conhecemos procuramos imaginar antes, como será esse lugar, como será a nossa estada ali. Quando chegamos, a realidade e a imaginação são coisas totalmente diferentes, algumas coisas próximas pelo fato de ter informações antecipadas, mas são diferentes, impacta bastante coisas estranhas. Por exemplo, tem uma questão, **o fato de vir de um país africano, que é do povo negro, chegar aqui e deparar com a tamanha questão do racismo, em que você precisa ser identificado por ser negro ou não-negro, isso já é um pouco brutal, porque você veio de um lugar em que a questão não era isso. Isso já causa uma situação constrangedora.***

Entrevistado 1

Eu aprendi a palavra racismo aqui no Brasil. Uma coisa que me mata mesmo é quando alguém fala “eu não gosto dele porque a pele dele é diferente da minha”, é uma coisa que ele nasceu com isso, Deus criou ele com isso. Isso me dá um choque, de verdade, entendeu? Eu tava achando, quando cheguei aqui no Brasil, que todo mundo era igual, não consegui fazer essa diferença quando tava no meu país.

Entrevistado 2

Outra questão que foi recorrente nas falas dos sujeitos desta pesquisa é a intersecção¹¹ entre as categorias que são entendidas como minorias, em que o fato de um sujeito ser pertencente a essas categorias faz com que as opressões sejam potencializadas. Inferimos isto a partir deste trecho:

*Uma coisa é ser brasileiro, negro, pobre. Você já está barrado de duas posições. Um pelo fato de ser negro, que existe questão de racismo. Outro pelo fato de ser pobre, porque existe preconceito econômico. O outro é ser negro, pobre, estrangeiro. Já tem preconceito do estrangeiro e nacional. Já tem preconceito entre o negro e o branco. Já tem questão em ser pobre. O fato de estar em uma instituição de ensino superior, isso consegue te dar acesso à certas coisas. Então, ali é diferente já de quem, além de ser pobre, negro, e não ter acesso a esse espaço de socialização de conhecimento e muito mais, essa pessoa é mais vítima da situação. Então isso perpassa em vários campos. Existe a questão do estrangeiro x nacional, estrangeiro de onde? Além de ser estrangeiro, estrangeiro de onde? **Porque ser estrangeiro oriundo de Estados Unidos da América é “welcome”, ser estrangeiro oriundo da Alemanha é “welcome”, agora ser estrangeiro oriundo de África, qual África? Se for África do Sul, é “welcome”, porque tem uma imagem positiva na mídia internacional, agora se for uma África como Guiné-Bissau, que é meu país, que não é potência em nada que chama atenção do mundo, é um país invisibilizado no cenário econômico, político, assim como cultural, no plano internacional, aí pouco interessa à pessoa que ainda se confunde, nem faz ideia de onde é, diferentemente de alguns países como, por exemplo, Angola, que tem muita proximidade com o Brasil e tem um potencial econômico em seus recursos naturais, é mais visibilizado no plano internacional. **Tem todos esses degraus que vai limitar, você não consegue alcançar.*****

Entrevistado 1

Há, em seguida, uma reflexão acerca da falta de compromisso da sociedade com o enfrentamento do preconceito e do racismo, uma vez que se percebe um silenciamento com relação a essas questões:

O preconceito no Brasil é uma coisa que ninguém quer falar sobre isso. No Brasil ninguém aceita, ninguém quer falar, ninguém gosta de tocar nesse assunto, que o Brasil é um país racista. Se você tem medo de tocar nisso, não vai mudar. O

¹¹ Interseccionalidade: ferramenta teórica que permite pensar na articulação de várias categorias (gênero, sexualidade, raça/etnia, classe, geração etc.) para entender um fenômeno discriminatório. (NOVELLI, 2015, p. 80).

racismo aqui no Brasil é bem velado, ninguém quer conversar sobre isso, ninguém quer resolver.

Entrevistado 2

A entrevista foi permeada por reflexões sobre o racismo que, segundo Kabengele Munanga, é definido como

uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, [...] o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas. (MUNANGA, 2003. p. 8)

O racismo pôde ser observado em um contexto mais amplo, em um nível nacional, que seria a base desta pirâmide. Portanto, em vários trechos é possível observar o descontentamento com este fenômeno no país:

O preconceito no Brasil é bem flagrante mesmo, parece que o negro não pode sonhar alto, o negro tem bastante limitações. Prá comprovar isso basta olhar nas instituições, na TV, na universidade, pra ver que tem limitações.

Entrevistado 3

É importante percebermos como a questão da representatividade é importante para as pessoas negras. Uma vez que vivemos em uma sociedade bastante eurocêntrica, em que as pessoas negras raramente se vêem ocupando os lugares prestigiados, o que impera é a ideia de certa limitação ao povo negro, como se tudo o que lhe cabe fosse inferior. Neste sentido, a presença e a resistência negra na UFSC servem como referência e representatividade a outros negros e negras que estão no processo de empoderamento. Essa questão pode ser pensada a partir do conceito de negritude:

A negritude seria [...] tudo o que tange à raça negra; é a consciência de pertencer a ela. [...] é o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajuda-los, a preservar uma identidade comum. [...] e preciso entender a negritude no sentido etimológico do termo, isto é, a civilização da negrícia, englobando, ao mesmo tempo, os

povos atuais da África tropical e os africanos de origem transplantados. (MUNANGA, 1988, p. 51)

Em certo momento a entrevista se direcionou para a questão das relações estabelecidas entre os intercambistas negros e a comunidade acadêmica da UFSC, e isso abriu espaço para que os sujeitos pudessem se manifestar acerca dos seus olhares a respeito dessas relações:

Hoje em dia tem alguns negros que conseguiram entrar na universidade. Tem um desafio: é a carreira, fazer a carreira mesmo. Porque entrar no mercado como negro, como um negro médico, negro engenheiro, agrônomo, tem negro que começa a se preocupar por causa disso, a carreira, entendeu?

Entrevistado 3

Quando indagados sobre possíveis atos de racismo sofridos dentro da instituição, prontamente todos afirmaram a ocorrência frequente deste fenômeno, também neste local:

*Todo dia, posso dizer, porque eu **tenho 5 anos estudando aqui, eu não tenho amigo na minha sala. Na minha sala a grande maioria é branca, eu não consegui fazer amizade, entendeu? Tem uma barreira, uma barreira racial, então isso é racismo. Por exemplo, tem outros estrangeiros, convidam prá fazer churrasco. Quando vem da Suíça, o cara não entende, explicam pró cara. Por exemplo, aqui, se eu tenho uma dúvida, eu vou prá prova com a minha dúvida mesmo. Eu sempre me esforcei prá tirar a minha nota sozinho. Às vezes as pessoas podem pensar que eu não tenho amizade porque eu sou uma pessoa fechada. Não é, não é, não é. Entendeu? Eu sempre tentei. Mas eu acho que eu não consegui ter amizade por causa dessa barreira racial mesmo. Porque se o branco, europeu, que é estrangeiro como eu, conseguiu, chegou, todo mundo tá convidando ele, integrando ele, então isso não é porque eu sou estrangeiro, isso é uma questão de cor, de cor e país também.***

Entrevistado 3

Novamente é levado em consideração o preconceito sofrido por conta da nacionalidade, uma vez que é feita uma comparação entre três intercambistas negros, com a diferença de nacionalidade. É possível perceber, então, a interseccionalidade entre raça/etnia e nacionalidade, como elementos categorias que (in)visibilizam os sujeitos:

Se um afroamericano chegar aqui, todo mundo vai querer fazer amizade com ele, entendeu? Porque tem uma questão do país, porque o cara pergunta assim “o que vou fazer lá no Haiti? Não vou precisar desse país. Amizade nesse país, não quero”, entendeu?

Entrevistado 2

As pessoas aqui na universidade falam muito da América do Norte e da Europa. Eles acham que depois da América do Norte e da Europa são eles. Eles não têm nada prá aprender com o haitiano, com o africano. Digamos “Ah, depois desses países somos nós, vamos olhar mais alto”. Não é isso, a gente tem coisas prá compartilhar, entendeu? Porque isso também é mente fechada mesmo. Isso é subdesenvolvimento mesmo.

Entrevistado 3

Como foi questionado acerca das relações estabelecidas dentro da universidade, os entrevistados acabaram por levantar a ideia de o racismo ser institucionalizado¹², ou seja, de que o racismo está tão estruturado em nossa sociedade que, conseqüente e inevitavelmente, também está presente nas nossas instituições. Howard Winant define o que, para ele, é o racismo estruturado (ver item 3):

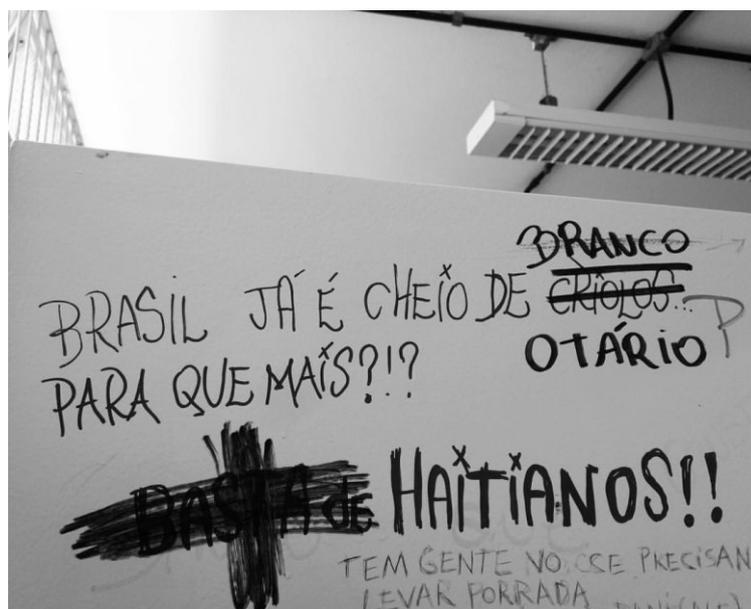
(1) práticas simbólicas que essencializam ou naturalizam identidades humanas baseadas em categorias ou conceitos raciais; (2) ação social que produz uma alocação injusta de recursos sociais valiosos, baseada em tais significações; (3) estrutura social que reproduz tais alocações. (WINANT, 2001, p. 317)

Os autores Stokely Carmichael e Charles Hamilton definem o racismo estruturado¹³ como “falha coletiva de uma organização em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica”. (CARMICHAEL; HAMILTON, 1967, p. 4). Também foi mencionado o fato de que para que um ato seja considerado racista, ele tem que ser muito evidente, ou seja, violento, como as imagens a seguir:

¹² Ângela Figueredo e Ramón Grosfoguel (2009) debruçaram-se sobre, entre outras questões, o racismo institucional no espaço universitário, em um estudo que pode ser conferido em “Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário”.

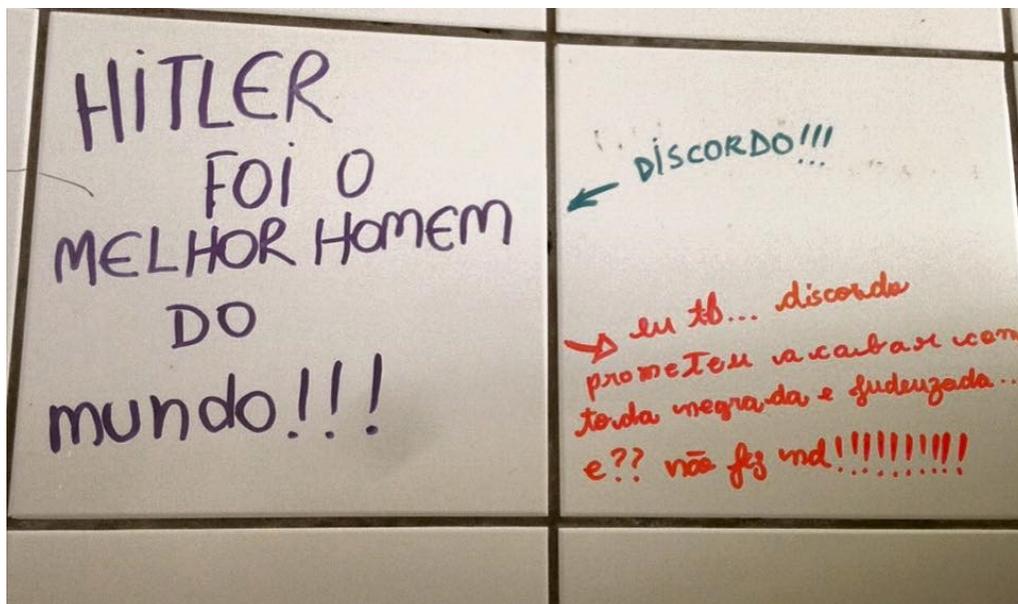
¹³ O Geledés – Instituto da Mulher Negra e o Cfemea – Centro Feminista de Estudos e Assessoria publicaram no site da ONU Mulheres o **Guia de Enfrentamento do Racismo Estruturado**. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Guia-de-enfrentamento-ao-racismo-institucional.pdf>>. Acesso em: 01/03/2017.

Figura 1 – Frase inicial “Brasil já é cheio de criolos... Para que mais?!? Basta de haitianos!!”, escrita no corredor do CCE/UFSC.



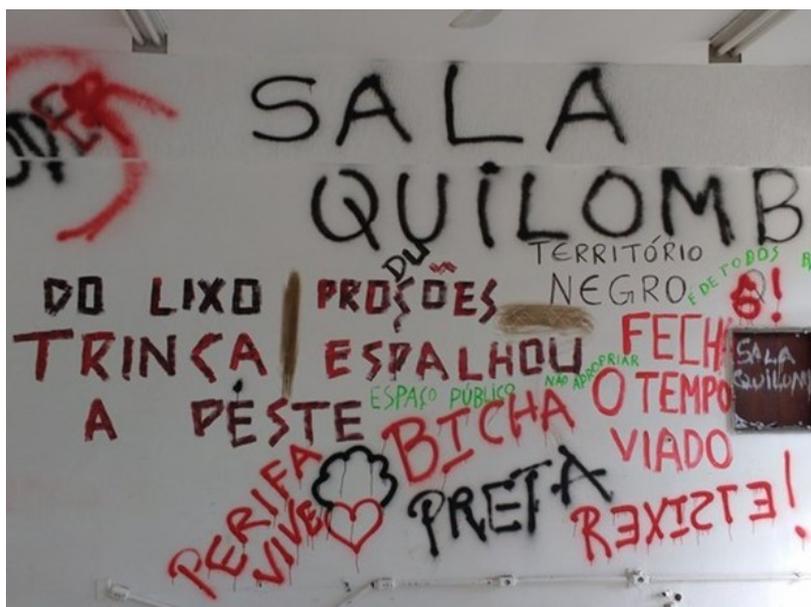
Créditos: Leonardo de Oliveira Rosa.

Figura 2 – Escrita no banheiro masculino do CCE/UFSC “Hitler foi o melhor homem do mundo!!! Discordo!!! Eu tb... discordo prometeu acabar om toda negra da e judeuzada... e?? Não fez nd!!!!!!!!!!!!!!”.



Créditos: Leonardo de Oliveira Rosa.

Figura 3: Desenhos de suásticas feitos por indivíduos não identificados na Sala Quilombo/UFSC.



Créditos: G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/10/sala-de-projeto-de-estudantes-negros-da-ufsc-e-pichada-com-suastica.html>>. Acesso em: 08/12/2016.

Para o entrevistado 1:

*No Brasil, em qualquer que seja o espaço que a pessoa esteja, o racismo é bem visível, ele é bem demarcado. Se bobear, fica bem escrito assim “aquí tem racismo”. As próprias instituições são estruturadas com base no racismo. As próprias linguagens formais que são utilizadas, principalmente na academia, estão cheias de cargas raciais. É bem evidente. Agora, o que se busca identificar pra depois dizer que é um ato racista é algo que faça, talvez, um contato tão violento, pra depois dizer “olha, isso que é racismo”, ou seja, **o racismo no Brasil é aceito de uma forma sutil em que pra que algo seja apontado como racismo tem que ser violento, tanto contato físico, assim como por palavras.** Tem que ser palavra forte ou uma violência física pra que isso possa ser enquadrado como racismo. Mas as palavras que são normalizadas “olha, isso aqui não vamos mexer” é como se fosse da natureza, são socialmente construídas, a língua é estruturada assim, os códigos, as formas de dizer, por exemplo, é comum, é oficial dizer no Brasil “mercado negro”, que é uma expressão com carga racial, hoje ninguém fala “mercado ilegal”, “mercado clandestino”, é “mercado negro”, todas as mídias falam, oficialmente, quer dizer, se bobear até presidente da república no seu discurso fala “mercado negro”, porque isso é aceito, ninguém nunca vai denunciar isso como ato racista. Agora, tem que ser uma coisa violenta pra poder dizer “isso sim é racismo”. Então não tem como não perceber isso na universidade, a partir do momento que a pessoa consegue decifrar o que é racismo, ela enxerga mil racismo ao seu*

*entorno, e principalmente na universidade, que é uma universidade branca, racista, eurocêntrica. Então é bem evidente, assim, fica bem fácil perceber aqui no Brasil o racismo. **É um fenômeno que eu conheci aqui.** Não falam muito isso mundo à fora, você percebe isso aqui dentro. Qualquer pessoa que vai levar imagem do Brasil fora, a própria mídia e o governo levam uma imagem de harmonia entre povos, “olha, temos orgulho de ter povos negros, tá tudo ótimo”, o mundo cantou racismo em outros lugares, na Europa, Alemanha nazista, Estados Unidos, mas o Brasil pratica um racismo brutal, talvez hoje que as pessoas dão conta que tem um racismo que tem um racismo escancarado no Brasil, que passa por um mito, **“ah, somos mestiços, vivemos em uma democracia racial aqui”**. Parece que o Brasil está sendo descoberto hoje pelo mundo de que é um país super racista, que outrora ninguém sabia que era.*

Entrevistado 1

A questão do racismo é bastante complexa. A maioria da população tem acesso às informações e debates de forma precária, pouco sistematizada e sem reflexões mais densas. É comum as pessoas se remeterem ao racismo a partir da ideia de escravidão, sem considerar as estratégias e as consequências desta prática. Por isso, quando se fala em racismo, logo vêm-se à mente a ideia de violência, como se este só se manifestasse de maneira brutal/física, porque, geralmente, é a única ideia que as pessoas têm a respeito disso. As atitudes racistas mais veladas não são reconhecidas, mas sim, muitas vezes deslegitimadas. Para o entrevistado 1:

*Hoje as pessoas começam a vir e perceber “olha, não é bem assim no Brasil, tem um racismo escancarado, **os brancos são mais privilegiados, eles são donos do dinheiro, são donos da terra, são donos das indústrias, são donos de tudo e moram nos lugares bonitos, e os negros não são donos de nada, não tem nada e moram nas periferias**”.*

Entrevistado 1

Uma questão muito significativa que fora levantada no momento da entrevista, é o fato de o intercambista negro não ter direito à voz e nem a sonhos aqui (nem em Florianópolis nem em outra parte do país):

*Quando um estrangeiro quer esclarecer, quer mostrar isso, eles mandam a gente embora, eles falam assim **“Ah você tá reclamando do Brasil? Vai embora, vai prô teu***

país”, eu já vi muitos brasileiros falarem isso, “o que você tá reclamando? Tá reclamando do racismo no Brasil? Vai na Alemanha”.

Entrevistado 2

*Aqui, negro que tem sonho alto não é bom para o sistema, tipo, “vai embora”. Porque o negro tem o seu limite de sonho, entendeu? Você quer chegar lá? Não, vai embora, você é uma ameaça pro sistema, porque nesse nível é só branco. O negro pode ser faxineiro, cortar árvores, tu tá no seu papel, não tem problema. **O negro que sofre mais preconceito é o negro que não fica no papel dele, no papel que o branco quer que ele fique.***

Entrevistado 3

Uma questão que não fazia parte da hipótese inicial, é o fato de os entrevistados relatarem que consideram que o negro brasileiro sofre mais preconceito que o negro estrangeiro. Para o Entrevistado 3:

Acho que os negros brasileiros são mais maltratados do que a gente porque o branco lá na universidade, ele fala “Ah, esses negros são estrangeiros, eles vão embora, eles não vão fazer carreira, eles não vão competir com a gente”, mas se fosse um negro brasileiro ele pode passar situações bem piores do que a gente, mesmo.

Entrevistado 3

A respeito das relações estabelecidas entre os estudantes estrangeiros e a comunidade acadêmica da UFSC, há uma constatação importante, principalmente a partir da comparação entre as relações entre negros estrangeiros e a comunidade acadêmica e negros brasileiros e a comunidade acadêmica, conforme explicam os entrevistados 1 e 3:

É comum o fato de ser comum o negro não travar discussão com branco no Brasil e o estrangeiro chega e trava discussão. Por exemplo, um africano trava discussão com professor ou professora branco ou branca, de boa, e fala num tom alto, num nível alto, sem estar nem aí, porque a pessoa tá acostumada a discutir opinião independentemente de quem tu és. Às vezes esse professor ou professora percebe e fala “olha, realmente esses ‘gajos’ são totalmente diferentes dos negros daqui, o nosso sistema permite silenciar de longe, ele nem tem coragem de me enfrentar pra falar desse assunto, só podia ser esse ‘gajo’

estrangeiro”, ou seja, às vezes a tua forma de colocar, de opinar deixa bem claro que não é daqui. Talvez o negro nacional não teria coragem de falar desse assunto, porque ele foi educado num sistema prá não falar nesse assunto perante um branco, pode falar só quando estão entre eles.

Entrevistado 1

Às vezes chamam a gente de mal educado, parece que a gente não sabe o sistema. Não sabe ainda a lição. Não é educado prá saber que não pode falar com um branco assim. Mas quando você cresce num lugar que tem negro, você nem vai perceber que você tá falando com branco assim ou amarelo, só sabe que tem uma pessoa ali que tem que me ouvir.

Entrevistado 3

Novamente, nesse momento da conversa, vem à tona a questão do racismo institucionalizado, que pode ser bem exemplificada a partir dos relatos abaixo:

A universidade não aceita que existe racismo, ela não vai falar. Talvez você pode ir lá na reitoria ou no teu centro, departamento, vai falar lá mas “não foi isso cara, não foi isso, é um mal entendido, você não entendeu”.

Entrevistado 2

A universidade tenta te fazer não perceber que existe algo e sempre que acontece algo ele “olha, não, não é bem isso, é um mal entendido, mas vamos conversar com a pessoa, vai passar, pode deixar, continua a estudar pra não perder foco”. Por exemplo, a Secretaria de Relações Internacionais é bem instruída prá lidar com isso, pra abafar as coisas. Afinal, o estado trabalha prá abafar o que é questão de racismo, pra não levar isso fora, então as instituições são instruídas prá não aceitar que isso existe e se acontecer nas claras tem um discurso bem estratégico pra te acalmar e falar “vamos tomar medidas, vamos providenciar algo” e não fazem nada, e não tomam medidas cabíveis, tanto com estrangeiros como com negros nacionais. A instituição não está nem aí com essas coisas. Isso tem que acontecer, que se vire ali, tenta dar jeito e tocar a vida prá frente, não fica presa a essas questões. É um discurso bem elaborado prá desviar o foco.

Entrevistado 1

Outra questão que sempre é mencionada em discussões dentro e fora da universidade, é a questão de o negro não ter direito de fala. Toda vez que ele utiliza a

voz para discutir, cobrar, expor situações, há uma tentativa de deslegitimá-lo, como se o racismo não acontecesse a todo momento, como se o negro visse racismo em tudo, como narra o Entrevistado 3:

*Quando você sofre racismo na universidade, parece que é porque você tem um problema mental. Entendeu? **Porque você é uma pessoa de baixo estima, qualquer coisinha fala que é racismo. É como se não fosse racismo, é a nossa mente. Você tá viajando, sabe?***

Por sua vez, o entrevistado 1 explica que:

*Mesmo que a pessoa sabe que é, **ela fala isso prá te desestimular, pra parar de falar.** Porque a pessoa pode presenciar, ela é branca e percebe a outra pessoa branca fazer o racismo contra ti, ela vai dizer “não, não é, é você que tá viajando”. Isso prá te desestimular, prá não voltar a falar disso, prá aceitar isso silenciosamente, aceitar que essa prática também não é racismo, “não precisa nem reclamar, você que tá com baixa auto-estima, mimimi, sai chorando racismo, racismo”.*

Entrevistado 1

Com relação ao racismo sofrido por parte da comunidade acadêmica externa, ou seja, nas regiões do entorno da universidade, um dos entrevistados relatou duas situações:

***Eu já fui baleado por policial saindo da universidade prá ir pra minha casa, o cara atirou em mim.** Ele falou que confundiu com os caras lá em cima da farra do boi, que eu tava chegando na hora errada, em 2013. Fui baleado, se fosse bala de verdade ia morrer.*

Entrevistado 2

Em questão de alugar casa, aqui já aconteceu com vários amigos, sabe? O cara precisa alugar uma casa e tá escrito fora que tem um quarto pra estudante ou tem um quarto pra um moço, por exemplo. Tu chega lá, a dona de casa, donazinha, sabe? Talvez dá um susto “não é essa pessoa que eu preciso na minha casa”, ela vai conversar contigo “Tudo bem, que legal, você é de onde?” “sou do Haiti” “ah que legal, ah, mas tem um moço que veio hoje, ele já fechou comigo, tava tirando essa placa, já fechei com ele”. Entendeu? Ela já fechou com alguém, mas pega uma amiga, porque já fiz esse teste, o meu amigo fez,

chegou ali, viu a casa ela falou “não tem mais vaga, acabou” e manda uma amiga branco perguntar prá ela “ah o meu amigo precisa alugar” “ah, tudo bem, mas tá vazio ainda”. Foi alugado, agora tá vazio.

Entrevistado 2

Há, também, uma reflexão acerca de como a universidade e os coletivos que nela se instalam agem a fim de se diminuírem as ocorrências de racismo na instituição:

*Os trabalhos do coletivo têm tido avanços, mas é em um ritmo bem lento. Claro, não quero culpabilizar, qualquer conquista vale. Mas é muito lento. Uma das coisas pela qual isso é tão lento, é que a universidade é pequena, estamos a falar só do campus Trindade, que é principal. Tem de dois a três movimentos negros que fazem eventos em momentos diferentes, que não têm o mesmo discurso, que não se concordam prá lutar contra uma causa só. Essa fragmentação dificulta conquistas. Isso já dificulta algumas coisas. Agora, têm conseguido espaços prá discutir assuntos, têm conseguido espaços pra resolver certas questões, por mais que haja muita resistência por parte da instituição e os seus atores que tocam a máquina. Mas os avanços tem sido gradativamente. Não tem grande interesse da própria nação prá mudar o quadro, pra colorir suficientemente a própria universidade. Tem todo o interesse de manter ainda a universidade branca, então, os avanços não têm sido bons. A reitoria criou a Secretaria de Diversidade, mas é uma secretaria que não faz nada, praticamente. Não toma medidas cabíveis quando acontece situações, fala que vai analisar e a análise demora e não surte efeitos, tenta fazer as pessoas esquecerem, e as pessoas realmente esquecem. Falam “Vão estudar agora, estamos a resolver, dedica prá não perder foco do teu estudo”, e a pessoa esquece e isso vai, passa. Ao meu ver, a universidade não tem feito grandes coisas prá poder ajudar em minimizar a frequência de atitudes inaceitáveis, não tem feito nada. **A sociedade como um todo não tem feito nada, o mundo como um todo não tem feito nada. As pessoas brancas como um todo não têm feito nada.***

Entrevistado 3

Quando questionados acerca das estratégias que utilizam para resolver situações de racismo, evidentes ou não, os entrevistados responderam:

Pelo fato de nascer crescer e formar opinião num outro lugar onde não existe isso [o racismo], não posso dizer que eu tracei uma estratégia prá lidar com isso. Simplesmente eu reajo de formas de acordo com a circunstância. Em cada momento que

eu pude identificar diretamente eu reajo de outra forma, mas não violentamente, eu sempre uso as palavras mais inteligentes, irônicas, prá desqualificar aquela atitude, desqualificar o autor da atitude.

Entrevistado 1

A instituição não vai te garantir uma resposta satisfatória e isso dói mais, por isso eu uso outra arma, que é de desqualificar atitude, desqualificar a pessoa e desmerecer com as palavras. Às vezes dói a pessoa tanto que vai perceber talvez “olha, é tão diferente que não correu pra ir na justiça ou na tal secretaria, mas veio e falou na minha cara”. Isso às vezes é mais forte, porque, talvez, essa questão de usar réplica, seja mais estratégico do que correr porque a instituição não resolve nada. Então é mais fácil enfrentar o racista e desqualificá-lo e desmerecê-lo a partir do momento que ele fala na hora, do que deixar passar isso, admitir que está sofrendo e correr prá uma possível justiça. Ninguém ainda pegou pena por crimes raciais, só injúria, num nível mais baixo, banalizado, umas multas bem simples.

Entrevistado 1

A gente sabe que às vezes o processo aqui no Brasil é meio demorado. Se eu percebo que a pessoa é racista comigo eu falo na cara dele, sem medo. Prá mim isso é normal, me defender. Acho que você tem que estar treinado mesmo prá se defender contra o racismo mesmo. Através da educação, você tem que ler sobre o racismo, o que que é isso.

Entrevistado 3

*O racismo tem o objetivo de desqualificar o outro prá poder dominar. Eu não quero ser vítima de racismo. Eu não vou chorar por causa do racismo, porque isso não vai resolver. Eu não vou deixar de acreditar em mim por causa do racismo. Porque quando você acredita quando o cara falar que você é inferior, você é vítima. Entendeu? A base do racismo é mentira, entendeu? Mentira não pode ganhar da verdade. Entendeu? Eu aconselho o negro a não fugir. **Tem negros que não querem falar sobre o racismo, mas não é assim que você vai se defender, entendeu? Tem que falar sobre o racismo, aprender. Tem gente que acha que falando do racismo a gente vai aprender a odiar os brancos, não, não é isso.** Eu gostaria que vários negros venham participar do movimento, isso vai ser bom prá você, entendeu? Se tem mais pessoas que podem encarar, que podem falar com o branco, quando ele faz um ato racista, que pode falar na cara dele, isso vai melhorar muito a nossa situação. O branco também vai aprender a nos respeitar.*

Com relação ao que o Entrevistado 3 fala, a respeito do objetivo do racismo, podemos nos basear em Frantz Fanon, a fim de entender melhor esse processo: “a inferiorização é o correlato nativo da superiorização européia. Precisamos ter a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado” (FANON, 2008, p. 90).

Quando aos entrevistados foi solicitado que fizessem uma avaliação acerca de sua experiência como estudantes intercambistas na UFSC, os três tiveram reações positivas, com as devidas ressalvas:

É uma experiência muito boa, educativa e abre os olhos prá um outro horizonte desconhecido, é uma experiência muito boa. Eu escolheria prá fazer se eu soubesse talvez antes. Agora, claro que não é tão fácil assim, é um dilema, praticamente. Tem as partes positivas e tem negativas. Mas, de modo geral, é uma experiência boa, ela realmente é uma experiência muito boa. É uma experiência boa estar a estudar durante 6 anos, poder acompanhar de perto como é que é, como é que deixar de ser. “N” informações, isso despertou conhecimento prá uma outra parte que antes não conhecia praticamente, então eu considero legal.

Entrevistado 1

A minha experiência de estudo aqui é muito legal também, porque abriu a minha mente sobre vários assuntos, várias coisas mesmo. Quando voltar no Haiti, vou voltar com uma outra cabeça. Eu aprendi aqui a ser mais tolerante, entendeu? Com as outras pessoas. Aceitar as pessoas como elas são, isso é muito bom e também conhecimento, vivi bastante conhecimento, muito, muito. O Brasil só não respeita os negros, mas parabéns pelos gays, parabéns pelas mulheres. Hoje em dia eles conseguiram as coisas. Ninguém vai se assustar se ver um gay num papel alto, presidente, ver uma mulher, no Brasil já tem mulher presidente, agora só tá faltando os negros mesmo, os negros que estão atrás, todos os outros grupos chegaram. Mas parabéns prá eles, parabéns mesmo. Mas hoje em dia se tem um negro professor da universidade, isso assusta. Tem que mudar nesse sentido. O Brasil tem que respeitar os negros, é só isso, é o meu desejo pró Brasil.

Entrevistado 3

Foi uma experiência muito boa e apesar de difícil, dura, vale a pena. É como aquelas trilhas difíceis, mas depois de chegar no

topo você fala “Olha, se eu tivesse que escolher, eu escolheria de novo, não arrependi, apesar de que foi sofrido chegar aqui, mas não arrependi por ter chegado”. Então é muito boa essa experiência, apesar de difícil. Por mais que bate cabeça quase todos os dias com situações que te deixam indignado, inconformado, mas valeu a pena poder trilhar até conhecer de perto, fazer uma pura antropologia, viver, estar presente. Isso é muito bom, levar essa experiência, compartilhar com outras pessoas.

Entrevistado 1

O Brasil cresceu bastante prá conhecer, prá aceitar as pessoas também no jeito que elas são. Mas é um país, principalmente a universidade aqui, que faz um monte de coisa, prá mim ajuda bastante. A minha esperança pró Brasil é o dia que todo mundo será igual e queria ver o país falando “lá em 2010, 2016 tinha isso, hoje em dia não tem mais”, entendeu? Eu queria um dia falar sobre um Brasil que os negros vivem tranquilamente dentro da comunidade, que a polícia respeita eles, vive com eles. Eu penso dessa forma positiva pró Brasil crescer bastante.

Entrevistado 2

O objetivo desta seção foi o de dar voz a sujeitos que são silenciados cotidianamente dentro da Universidade Federal de Santa Catarina. Por este motivo, foram apresentados os relatos que ilustram a forma de pensar acerca da temática proposta para este trabalho, o cotidiano destes sujeitos, bem como as situações específicas que ocorrem no dia a dia da comunidade acadêmica. Deste modo, encerramos esta seção com vistas a expor, no próximo capítulo, iniciativas pontuais para enfrentamento do racismo.

3 A ARTICULAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES, COLETIVOS E A INSTITUIÇÃO: INICIATIVAS QUE VALORIZAM A PRESENÇA E A RESISTÊNCIA NEGRA NA UFSC

Como já relatado por um dos entrevistados, estudantes negros e não-negros da Universidade Federal de Santa Catarina, tanto brasileiros quanto estrangeiros, têm se reunido a fim de enfrentar o racismo vivido cotidianamente nesta instituição. Para isto, eles se organizam em coletivos que têm o intuito de, através de eventos, debates, intervenções culturais, dentre outras ações, contribuir com – e para – o empoderamento negro e a denúncia de toda e qualquer atitude racista dentro da universidade.

Destacam-se¹⁴, aqui, dois movimentos bastante significativos dentro da instituição, um deles é o Coletivo Kurima e o segundo é o Coletivo 4P. Em ambos, o público que faz parte dos eventos e discussões pautadas pelos grupos é de maioria negra, sendo estes brasileiros e estrangeiros. Embora tenham objetivos semelhantes, os dois coletivos possuem estratégias e alguns posicionamentos diferentes, mas que se complementam. A seguir serão apresentados exemplos de ações que são desenvolvidas pelos movimentos coletivos, a fim de ilustrar os seus trabalhos com a comunidade acadêmica.

Figura 4 – Movimentos para Ombembwá



Legenda: Cartaz-convite para o Evento *Movimentos para Ombembwá*: “I Encontro de Práticas Culturais e das Artes de Matriz Africana”, realizado entre os dias 20 a 26 de novembro de 2016 na UFSC.

¹⁴ É necessário salientar que as iniciativas aqui expostas foram apresentadas a partir do olhar da pesquisadora, podendo haver outras iniciativas que não são do conhecimento. Deste modo, estas são apenas figuras representativas de várias outras ações que acontecem neste campus.

Figura 5 – Reflexões sobre o 13 de maio



Legenda: Convite para uma conversa a respeito do dia da abolição da escravatura, realizado no dia 11 de agosto de 2016 no Hall da Reitoria.

Figura 6 – Exposição “A Beleza de Nossos Corpos Negros”



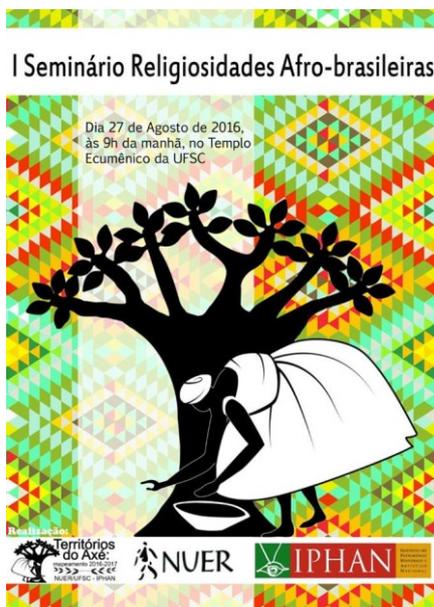
A Exposição “Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos Negros” – Projeto Dossiê Kurima – Estética Negra – foi exibida entre os dias 18 de julho até 4 de agosto de 2016 no Centro de Cultura e Eventos da UFSC.

Figura 7 – 7º Café Ndimba



Legenda: Cartaz-convite do 7º Café Ndimba realizado em 9 de junho de 2016 no Centro de Cultura e Eventos.

Figura 8 – I Seminário Religiosidades Afro-brasileiras



Legenda: Cartaz-convite para o 1º seminário Religiosidades Afro-brasileiras, ocorrido no dia 27 de agosto de 2016 no Centro Ecumênico.

Esses eventos foram realizados durante os dois semestres de 2016 na UFSC. Acreditamos que iniciativas como estas são fundamentais para a permanência dos estudantes negros nesta instituição, uma vez que têm de lidar com o fenômeno do

racismo diariamente e, através da união entre os semelhantes e simpatizantes, esta luta acaba por se tornar mais fácil de ser vencida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que as narrativas dos sujeitos entrevistados produzem uma outra perspectiva que, muitas vezes, a teoria não consegue dar conta. Por isso, optamos por fazer poucas interferências ao incorporarmos suas falas neste trabalho, a fim de que os equívocos sejam evitados e os discursos sejam lidos da forma mais autêntica possível. Neste sentido, acreditamos que seja interessante destacar a experiência da pesquisadora como sujeito pertencente a esta pesquisa para além deste status. Pedimos licença normativa para que fale de mim em primeira pessoa do singular.

Desde 2009 – ano em que ingressei na UFSC pela primeira vez, no Curso de Ciências Sociais – senti uma enorme necessidade em recuperar algo que me fora roubado desde muito cedo: a minha identidade negra. Me identifico com as palavras de Neuza Santos Souza quando afirma que:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUZA, 1983, p. 17).

Para que este resgate fosse possível, busquei de muitas maneiras me aproximar das minhas raízes dentro da universidade, seja lendo escritores e escritoras negros/as – apesar de os currículos dos cursos serem extremamente eurocêntricos –, participando de eventos em que a temática era relacionada a etnia/raça e me aproximando de pessoas que eram como eu: negras. Em meio a essa busca, acabei tendo contato com pessoas negras, em sua maioria estrangeiras, que me fizeram refletir acerca de quem eu era e quem eu poderia ser. Estas amizades me fizeram recuperar a autoestima que há muito havia sido dilacerada pelo racismo, fazendo-me acreditar novamente no meu potencial.

O fato de eu ter sido tão agraciada por estas pessoas desde que entrei na UFSC fez com que eu sentisse que, de alguma forma, eu deveria refletir mais sobre nós mesmos, já que dificilmente alguém o faz, e se faz, faz com uma distância enorme do objeto, visto que estas pessoas não possuem as vivências da negritude. Por este motivo, em todas as oportunidades que tenho de refletir e materializar estas reflexões, procuro aproximar o objeto à minha realidade, de forma a contribuir com a vida social de meus irmãos e, conseqüentemente, minha também. Por isto, resolvi encarar o desafio de ser

pesquisadora de um assunto que me toca tanto: as relações estabelecidas entre os meus irmãos, estudantes intercambistas negros, e a comunidade acadêmica da UFSC.

Entrevistar pessoas que se tem grande grau de amizade, cumplicidade e intimidade não é tarefa fácil. Foi necessária uma certa dose de profissionalismo, e nem mesmo assim consegui me distanciar do objeto, porque, de certa forma, eu me sentia parte do objeto, então não havia possibilidade de eu me distanciar de mim mesma. Em muitos momentos senti uma imensa revolta por saber que as questões que ali eram levantadas eram parte das minhas vivências e, sendo assim, recordar era viver. A todo momento sentia vontade de afirmar que estávamos juntos, que eu concordava com a forma como eles pensavam, afinal, fazemos isso cotidianamente, só que sem o contexto da entrevista. Agora, é preciso reconhecer que o fato de a entrevistadora ser negra e amiga dos entrevistados fez com que eles se sentissem muito à vontade para falar o que pensam e como pensam. Neste sentido, a minha presença foi essencial para a autenticidade dos relatos.

A experiência de desenvolver uma pesquisa que tem como pano de fundo parte das suas vivências é interessantíssima. Quando se pesquisa sobre algo que, de certa forma, se vive, abrem-se caminhos para que essas vivências ganhem representatividade, bem como é feita uma autorreflexão acerca de si.

É importante enfatizar, como já mencionado anteriormente, até que se chegasse ao objeto final da pesquisa, foi necessário fazermos várias mudanças e recortes. Iniciando com a intenção de pesquisar acerca do ensino de língua portuguesa para imigrantes haitianos em Florianópolis, relações estabelecidas entre intercambistas haitianos e a comunidade acadêmica da UFSC – aqui buscávamos conseguir dialogar com todos os estudantes haitianos da UFSC, através da ferramenta *Formulários Google* – e, por fim, chegamos à proposta atual, que continua com o foco das relações estabelecidas na UFSC, mas desta vez, acrescentando a nacionalidade guineense, porém, reduzindo o número de entrevistados. Toda esta mudança foi necessária por conta dos rumos que a pesquisa tomou desde o seu projeto, uma vez que esta não é estática e está sujeita às possibilidades que nos são ofertadas.

O Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, desde o seu princípio, fez-nos perceber de maneira muito evidente a necessidade de olhar para as mulheres de forma específica, uma vez que sofrem – sofremos – opressões advindas de uma sociedade machista e misógina. Essas opressões se refletem nas mais diversas áreas de nossa vida cotidiana e, por isso, a pauta das mulheres deve sempre ser levada em

consideração. Também devemos perceber as situações em que as mulheres são desconsideradas e silenciadas, uma vez que a nossa sociedade continua tendo essas práticas como forma de dar continuidade à estrutura de poder sob a qual vivemos.

Pelo fato de a pesquisadora ser mulher negra, desde o início da pesquisa sentimos a necessidade de fazer um recorte de gênero, a fim de que pudessem se manifestar enquanto mulheres negras estrangeiras estudando em uma universidade brasileira no sul do Brasil. Entretanto, as tentativas de diálogo foram um pouco frustradas, uma vez que a pesquisadora, por conta de alguns fatores, não conseguiu ter acesso de forma efetiva quanto ocorreu com os sujeitos desta pesquisa. Por isto, é necessário enfatizar que esta pesquisa tem como base as vivências de homens, apenas. Não se quer, aqui, deslegitimar ou enfraquecer a fala destes sujeitos, mas destacar o recorte específico que foi feito e, infelizmente, acaba por não dar voz às mulheres que também fazem parte destas relações. Por isto, é necessário que este trabalho seja lido e analisado levando em conta essas ressalvas, pois não desejamos incorrer nos “perigos de uma história única”, como bem apontou Chimamanda Ngozi Adichie.

Ao fim do trabalho, é importante ressaltar que, apesar dos desencontros e percalços vividos até aqui, os objetivos conseguiram ser alcançados. A expectativa era a de que conseguiríamos obter mais dados pelo fato de conseguir coletar mais entrevistas, entretanto, a pesquisa nos ensinou que nem tudo acontece como planejado, imprevistos acontecem, e planos tem de ser mudados. O objetivo principal de oficializar e refletir acerca dos discursos dos sujeitos intercambistas estrangeiros negros a respeito da relação com a comunidade acadêmica foi atingido e, a partir disto, teremos um registro que possibilitará que muitas outras discussões e diálogos possam ser iniciados a partir deste trabalho, que poderá servir como uma espécie de referência.

Ouvir os sujeitos desta pesquisa foi extremamente fundamental e significativo, uma vez que somente eles poderiam dizer o que sentem e como se sentem diante de uma universidade que, segundo eles, é branca, eurocêntrica e racista. A partir de seus relatos podemos empoderar não somente eles próprios, mas também os próximos que estão por vir. A comunidade acadêmica precisa urgentemente refletir a respeito destas relações e dialogar com estes sujeitos, uma vez que eles estão presentes no cotidiano da instituição, massivamente, distribuídos nos mais diversos cursos de graduação e pós-graduação. Para que a universidade se afirme enquanto instituição internacionalizada, plural, diversa e intercultural são necessárias ações que reflitam e reajam ao preconceito e racismo sofrido pelos estudantes negros da UFSC.

Sabemos que existem outros sujeitos que também passam por opressões diariamente nesta instituição, a estes deixamos o nosso mais sincero apoio e o desejo de que outros pesquisadores tenham iniciativas semelhantes a fim de empoderar, também, estes sujeitos. Às colegas mulheres, estrangeiros, LGBTIS, praticantes de religiões de matriz africana, judeus, dentre outros, ofertamos a nossa empatia e colaboração na luta.

Como alternativa de enfrentamento ao racismo vivido dentro e fora da universidade por estudantes intercambistas estrangeiros ou brasileiros negros, sugerimos que a UFSC, enquanto instituição, tenha mais iniciativas antirracistas e não as deixe por responsabilidade dos coletivos, apenas. É necessário, também, que as secretarias e demais órgãos da UFSC estejam melhor preparados para lidar com as situações específicas da população negra, especialmente a SINTER e o Programa de Ações Afirmativas.

Para os próximos trabalhos, recomendamos que se ampliem os diálogos com sujeitos de outros países, não somente Haiti e Guiné-Bissau, bem como dialogar com as mulheres intercambistas negras, o que não pôde ser feito nesta pesquisa por contratempos. É interessante ouvir o maior número de pessoas para que se tenha noção da pluralidade de ideias e de vivências. Pedimos também, que a comunidade acadêmica, cada vez mais, esteja engajada com a permanência destes sujeitos na universidade. Com a maior certeza que possa haver, afirmamos que eles têm muito a nos ensinar e as trocas tendem a ser valiosíssimas.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Os perigos de uma história única**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>>. Acesso em: 12/12/2012.
- AZEVEDO, Célia Maria. **Onda Negra. Medo Branco**. O negro no imaginário das elites. Séc. XIX. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- CARMICHAEL, Stokely; HAMILTON, Charles. **Black power: the politics of liberation in America**. New York: Vintage, 1967.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, Ângela; GROSGOUEL, Ramón; Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. **Sociedade e Cultura**, v. 12, n. 2, p. 223-233, 2009. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/9096/6270>>. Acesso em 01/03/2017.
- GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli Garcia; MAGRINI, Pedro Rosas. **Apresentação**. In: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli Garcia; MAGRINI, Pedro Rosas. **Especialização em Gênero e diversidade na escola - Livro IV - Módulo IV**. Tubarão: Copiart, 2015, p. 21-47; 79-89.
- GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito de cor e racismo no Brasil**. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012004000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01/03/2017.
- JACCOUD, Luciana. O combate ao racismo e à desigualdade: o desafio das políticas públicas de promoção da igualdade racial. In: THEODORO, Mário. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008, p. 131-167.
- KOGAN, Maurice. Higher Education Communities and Academic Identity. **Higher Education Quarterly**, v. 54, n. 3, p. 217-216, 2000.
- MORGAN, David L. **Focus group as qualitative research**. London: Sage, 1997.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-Rio de Janeiro, 5 nov. 2003.
- NOVELLI, Daniela. Discutindo o Privilégio Racial [Branco] na Moda de Luxo: imagens da branquidade em Vogue Brasil. In: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli; MAGRINI, Pedro Rosas. **Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola: Livro IV – Módulo IV**. Tubarão: Copiart, 2015, p. 79-89.

PINHO, Osmundo. SANSONE, Livio. **Raça: Novas Perspectivas Antropológicas**. 2.ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

THEODORO, Mário. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil**. Brasília: Ipea, 2008.

WINANT, Howard. **The World is a Ghetto**. Race and democracy since World War II, New York: Basic Books, 2001.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

BULAMAH, Rodrigo C. “Um lugar para os espíritos: os sentidos do movimento desde um povoado haitiano”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 45, p. 79-110, jul-dez 2015.

CABRAL, Amílcar. A verdade sobre as colónias africanas de Portugal. In: _____. **Documentário** (textos políticos e culturais). Lisboa: Cotovia, 2008. p. 43-64.

FERREIRA, Jonatas; HAMLIN, Cynthia. Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18 n. 3, p. 811-836, set-dez. 2010.

HOUNTONDJI, Paulin. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos Africanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 80, p. 149-160, mar. 2008.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Dossiê Literatura, língua e identidade, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite; ensaio sobre a África descolonizada**. Odivelas: Pedagogo; Luanda: Mulemba, 2014. p. 165-190.

MUDIMBE, V.Y. **A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Odivelas: Pedagogo; Luanda: Mulemba, 2013. p. 15-41

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 79, p. 71-94, 2007.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília, n. 18, p. 28-47, maio-out 2012.